



8º Congresso de Pós-Graduação

A MULHER NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO: O PAPEL DA MULHER NO MERCADO DE TRABALHO

Autor(es)

SERGIO PAULO DE SOUSA SANTOS

Orientador(es)

ARSÊNIO FIRMINO DE NOVAES NETTO

1. Introdução

As transformações constantes, o aumento da competitividade, juntamente com os avanços tecnológicos, tornam os ambientes mais complexos e dinâmicos, remetendo a convivência com maior diversidade. O aumento da diversidade faz emergir novas contradições e assimetrias nos espaços de interações sociais, como as questões relativas ao gênero. Este trabalho não tem como objetivo a exaltação pura e simples da mulher, mas de identificar e reconhecer o seu valor numa perspectiva de igualdade como o homem em que ambos podem ser colaboradores no lar, nas organizações e na sociedade. Assim, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica na perspectiva feminista. Segundo Collins e Hussey (apud Coolican, 1992) "o paradigma tradicional de pesquisa do ponto de vista e de ideologia do movimento das mulheres".

2. Objetivos

O objetivo principal do presente estudo é descrever e analisar a trajetória sócio-cultural da mulher frente ao mercado de trabalho, a partir da década de 50 até a atualidade.

3. Desenvolvimento

Os movimentos feministas são, sobretudo, movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, isto é, garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. O movimento teve origem em 1848, na convenção dos direitos da mulher em Nova Iorque. O cunho reivindicatório surgiu por ocasião das grandes revoluções. As conquistas da Revolução Francesa, que tinha como lema Igualdade, Liberdade e Fraternidade, passaram a ser reivindicadas pelas feministas. À luz do conceito de cidadania, entendiam que os direitos sociais e políticos adquiridos a partir das revoluções deveriam se estender às mulheres. Algumas conquistas podem ser registradas como consequência da participação da mulher nesta revolução, um exemplo é o divórcio.

Basicamente, os movimentos feministas são movimentos políticos cuja meta é conquistar a igualdade de direitos entre homens e

mulheres, isto é, garantir a participação da mulher na sociedade de forma equivalente à dos homens. Além disso, os movimentos feministas são movimentos intelectuais e teóricos que procuram desnaturalizar a idéia de que há uma diferença entre os gêneros. No que se refere aos seus direitos, não deve haver diferenciação entre os sexos. No entanto, a diferenciação dos gêneros é naturalizada em praticamente todas as culturas humanas (Araújo, 2010).

O feminismo socialista “defende uma sociedade em que masculinidade e feminilidade são socialmente irrelevantes e não existem homens e mulheres como são concebidos atualmente” (CALÁS e SMIRCICH, 2006, p.297). Mas as mulheres têm de enfrentar duas lutas: a primeira contra sua exploração material sob o patriarcado, de caráter ideológico, mais próximo, portanto do viés psicanalista, manifestado pelas diferentes formas de dominação da mulher por interesses masculinos, geralmente no contexto doméstico. A segunda é contra sua exploração material sob o capitalismo, mais especificamente nos locais de trabalho, em forma da “reserva de mercado” profissional imposta também por interesses do homem. Ambas as lutas são opressivas à mulher.

O feminismo radical surgiu na década de 60, como reação aos movimentos de esquerda nos Estados Unidos, contrário à dominação masculina e a conseqüente subordinação das mulheres. A bandeira de luta era a transformação das estruturas legais, políticas e organizacionais, além das instituições culturais e sociais como família, igreja, academia e mesmo linguagem (CALÁS e SMIRCICH, 2006).

Com o surgimento do movimento de emancipação feminina, as mulheres passaram a trabalhar fora, “mas mantiveram a responsabilidade emocional pela casa e pela família”. Para as mulheres que conseguiram alcançar a presidência de grandes empresas e as que estão quase lá defendem que é possível, sim, conciliar a vida profissional e a pessoal, mas não sem sacrifícios. O segredo é ter uma boa equipe para trabalhar nas tarefas domésticas. Ademais, é fundamental que o companheiro entenda a dinâmica do seu trabalho. Liliana Aufiero, presidente da Lupo, diz achar que é “apenas uma questão de tempo” que haja maior igualdade entre homens e mulheres no topo da hierarquia. Para Dagmar Brum, diretora de vendas da Avon, “a mulher precisa ter cuidado para não se masculinizar. Deve valorizar o seu estilo” (Folha de São Paulo, Dinheiro, B7, 8 de novembro de 2009).

A presença das mulheres no mercado de trabalho brasileiro vem aumentando significativamente e em forma consistente nas últimas três décadas. Elas representam atualmente 41,4% da População Economicamente Ativa - PEA urbana no Brasil. Entre os principais indicadores de avaliação da situação da mulher no mercado de trabalho destacam-se:

? A evolução da taxa de participação: inserção no mercado de trabalho que indica o grau de autonomia, bem como os níveis de bem-estar;

? A evolução da taxa de ocupação e da taxa de desemprego: aumento da disposição de trabalhar, ampliação das oportunidades de emprego e diminuição nas taxas de desemprego;

? A evolução dos indicadores de qualidade do emprego: aumento nos níveis de remuneração, acesso a melhores e mais diversificados níveis de escolaridade e formação profissional entre outros (ABRAMO, 2008).

A Revolução Feminista que despertou as mulheres a mostrarem suas verdadeiras potencialidades e buscarem um lugar no mundo ocorreu há pouco mais de 30 anos. Entre as várias imagens de gênero que contribuem para a discriminação da mulher estão as que definem a mulher como “força de trabalho secundária” ao afirmar que sua contratação gera custos maiores do que a mão de obra masculina. A tese de que é mais caro contratar mulheres, constante do imaginário sócio-organizacional, está relacionada aos custos indiretos associados à maternidade e ao cuidado infantil, apesar de seus salários serem nominalmente inferiores aos praticados aos homens. Essa visão ideológica busca justificar a origem dos menores salários pagos às mulheres. Essas afirmações e suposições não encontram justificativa nas estatísticas: “Pesquisa realizada recentemente pela OIT em cinco países da América Latina mostra que os custos indiretos associados à maternidade e ao cuidado infantil são muito reduzidos: eles representam menos de 2% da remuneração bruta mensal das mulheres (no Brasil, representam 1,2%)” (ABRAMO, 2005, p.90).

O autor (2007, p.7) destaca ainda que a imagem da mulher como força de trabalho secundária é recorrente e pervasiva. Está presente no imaginário social, empresarial e sindical, no imaginário das próprias mulheres (que participam ou não no mercado de trabalho), assim como no imaginário dos formuladores das políticas públicas. Marca a sua presença em diversas correntes do pensamento analítico e da literatura sobre o mercado de trabalho e esteve na base da constituição de muitas instituições do mercado de trabalho. Essa imagem resiste a muitas mudanças objetivas – e cada vez mais evidentes – no comportamento de atividade das mulheres e no seu desempenho laboral, assim como nas tendências de evolução do emprego e da própria constituição do mercado de trabalho.

Em paralelo à hipótese de que a mulher é uma “força de trabalho secundária”, está o crescente e constante aumento nas taxas de participação e ocupação, o aumento do número de anos em atividade, o aumento do número de mulheres “chefes de família” e sua participação efetiva nos rendimentos familiares. É justamente o grupo de mulheres em idade reprodutiva e com filhos pequenos que acentua o aumento de sua participação no mercado de trabalho. A década de 90 foi bastante significativa na evolução do mercado de trabalho para a população feminina que saltou da participação de 43% em 1990 para 51,4% em 1999. Essa evolução ratifica a tendência associada a outros fatores como o aumento de escolaridade feminina e a redução do número de filhos em idade fértil. Como resultado, diminui a brecha de participação das mulheres em relação aos homens.

Assim, nos últimos 30 anos, as mulheres vêm, gradativamente e com firmeza, ampliando sua presença na advocacia, uma profissão que, até então, era considerada masculina: na década de 70 elas eram apenas um quinto do total de profissionais; em 2005 já representavam 43,2%. Atualmente, dos 234.813 advogados paulistas em atividade, 45,2% são mulheres. A tendência, entretanto, é de evolução ainda mais significativa, pois entre os estagiários, elas já são maioria: 53,4%. O número de inscrições de novas advogadas vem superando o de novos advogados. Nos Exames da Ordem, de 2005 em diante, a média de candidatas aprovadas gira em torno dos 51%. Nesse ritmo, até o final da próxima década, a advocacia não será mais uma profissão basicamente de homens. É admirável como elas conseguem superar o difícil dia a dia, conciliando profissão e vida familiar sem abrir mão de seus sonhos. (Jornal do Advogado,

2010, p.14-15).

No Congresso Nacional, apesar do preceito legal de que os partidos políticos reservem 30% das vagas a candidatas mulheres, até o final de março de 2010, a presença feminina no Senado era de apenas 12,3% e, na Câmara dos Deputados, de 8,8%. A situação persiste nos ministérios, pois apenas 13% dos ministros do governo Lula são do sexo feminino. No âmbito dos executivos municipais, em um universo de 5.564 municípios, menos de 10% são mulheres. Aqui cabe uma pergunta: por que a mulher, que detém mais de 50% dos votos ainda é tão pouco representada na esfera política? (Jornal do Advogado, 2010, p.14-15).

“Mais de 80 mulheres foram eleitas chefes de Estado ou de governo desde 1945, mais de 90% delas somente após 1979 (...) Estamos em meio a uma mudança de caráter épico. Nunca antes tantas mulheres mandaram simultaneamente. (...) Ironicamente, tais expectativas positivas se fundamentam em um argumento que durante muito tempo serviu para afastar as mulheres da atividade política: o de que elas têm uma constituição radicalmente diferente da dos homens. Elas são mais sociáveis, moralistas e empáticas. E, justamente por causa disso, inadequadas para o negócio braquial do Poder.

Somente homens entendem a arte de governar? Esse preconceito foi contrariado a séculos por Elisabeth I e Catarina, a Grande, entre tantas outras governantes. Foi justamente a Democracia que banuiu as mulheres do Poder. Mas desde os tempos de Margareth Thatcher elas estão voltando. Jamais houve tantas governantes como hoje.

4. Resultado e Discussão

O movimento feminista se fortifica por ocasião da Revolução Industrial, quando a mulher assume postos de trabalho. Nas últimas décadas, as mulheres invadiram o mercado de trabalho e as universidades. Esse ingresso veio associado a transformações nas relações familiares e conjugais, ao constante crescimento do número de famílias chefiadas por mulheres. Esses avanços, entretanto, terão pela frente obstáculos de difícil transposição: a feminização de determinadas profissões e sua subsequente desvalorização, resistências sociais, a maternidade e a desigualdade na divisão das tarefas domésticas, a falta de massa crítica de mulheres nas organizações etc.

PRÓS

- igualdade de direitos entre gêneros;
- trabalho fora do âmbito doméstico;
- aumento no nível de escolaridade;
- transformação cultural;
- evolução no mercado de trabalho.

CONTRAS

- masculinização da mulher;
- mais de uma jornada de trabalho;
- as mulheres, mesmo ocupando cargos iguais aos dos homens, recebem salários inferiores.

5. Considerações Finais

Pela maneira como é descrito hoje, o feminismo parece um movimento longínquo, personificado por radicais que queimavam sutiãs e combatiam, além dos homens, irrelevâncias como o batom e a depilação. Na realidade, trata-se de uma ação continuada, competente e internacional, que soube pôr no coração do poder questões cotidianas e urgentes para milhares de indivíduos (O Movimento Feminista, 19 de maio de 2007 <http://robbiejostric.blogspot.com/2007>. Acesso em 29 de julho de 2010).

A influência do gênero feminino no contexto histórico-econômico-cultural é, sem dúvida, significante atualmente. Na edição nº 640 da revista Época, o antropólogo americano Ted Polhemus diz que a elevação dos saltos dos sapatos das mulheres tem acompanhado o crescimento econômico de países emergentes. "As mulheres se sentem mais seguras para ousar porque estão subindo no mercado de trabalho." Alguém ainda tem dúvidas de que estamos vivendo uma revolução feminista?

Referências Bibliográficas

ABRAMO, L. W. *A inserção da mulher no mercado de trabalho: uma força de trabalho secundária?* São Paulo: USP, 2007.

ARAÚJO, F. S. *Feminismo*. www.infoescola.com/sociologia/feminismo. Acesso em 29 de julho de 2010.

CÀLAS, B; SMIRCICH, L. *From “the woman’s” point of view: feminist approaches to organizations studies*. www.fgv.br/raeeletronica/. Acesso em 11 de junho de 2010.

ÉPOCA. Edição 596, Out. 2009. In: *Por que elas estão tão tristes?* p. 84-87.

_____. Edição 640, Ago. 2010. In: *Lindo, alto e confortável?* p. 169-171

FOLHA DE SÃO PAULO, Dinheiro, B7, 8 Nov. 2009.

HARDY, H. e CLEGG, S. R. *Alguns ousam chamá-lo de poder*. pp. 260-289, cap. 13. Trad. Vitarque Lucas Coêlho e Tomaz Asmar Santos. In: *Handbook de estudos organizacionais – reflexões e novas direções*. São Paulo: Atlas, 2001.

JORNAL DO ADVOGADO. In: *Nosso preito às mulheres*. OAB/SP, N° 348, p. 9 março 2010.

O MOVIMENTO FEMINISTA, 19 de maio de 2007 <http://robbiejostric.blogspot.com/2007>. Acesso em 29 de julho de 2010

O ESTADO DE SÃO PAULO. *Feminino*, 7 de março de 2010. In: *Elas por eles: homens revelam suas impressões sobre essa espécie misteriosa chamada mulher*.

PINKER, S. *O paradoxo sexual: hormônios, genes e carreira*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2010.

VIANNA, M. A. F. *A alma feminina das empresas*. 2008. www.marcoarelioferreiravianna.com.br. Acesso em 10 de janeiro de 2010.